

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	38.º Anno—XXXVIII Volume—N.º 1300	Redacção—Administração—Atelier de gravura Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento Jesus, 4
Portugal (franco de porte) m forte.	3\$800	1\$900	3\$50	3	10 de Fevereiro de 1915	Composto e impresso na Typ. de Cesar Piloto Largo de S. Roque, 11 e 12
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	3\$	3		Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos
Estrangeiro e India	5\$000	2\$500	3\$	3		

Expedição a Angola



No Arsenal da Marinha. — EMBARQUE DE NOVAS TROPAS EXPEDICIONARIAS

CRONICA OCCIDENTAL

Decorridos meses de grande-guerra, atrocios sem tregua, crimes sem remissão, lutas de requinte e selvageria — ainda a vitoria não parece decidida a inclinar se sobre uma das partes diversas em conflito.

Erraram, pois, os publicistas que tinham deposto firmemente a sua fé num regimen de paz armada. Erram, talvez, aqueles que nos predizem já uma nova era de paz, advinda após o termo das hostilidades da época actual.

Em sociologia, as previsões são incertas sempre; — os calculos tornam se

contingentes porquanto os dados do problema rectificam-se, dia a dia, notavelmente.

Podemos lá avaliar das circunstancias, causas varias e condições multiplas que vão acaso exercer influencias determinativas sobre um momento certo da historia...

As profecias sómente são admissíveis... no dia em que se realisam. Então, os espiritos mais subtis applicar-seão ao trabalho de corrigil-as e adapta-las ao tempo. A frase equívoca dará apoio moral ao crente e créditos póstumos ao iluminado. As indicações precisas serão orientadas no sentido da interpretação mais conveniente.

Ha na alma humana um fundo largo de ingenuidade que pode receber favoravelmente as efabulações menos lúcidas; a breve trecho, ela dispôr-se-á a animal-as ao fogo sagrado da sua fé. O nosso coração sente a obsessão do infinito — impele-o sempre a ancia mística de crêr.

A vida quer justificar o seu misterio. Esta preocupação revela-se dolorosamente nas manifestações mais altas e nas manifestações mais simples do espirito humano.

Nas regiões especulativas da filosofia, documenta-o o retorno quasi súbito á psicologia que tinha sido prostrada pelos golpes materialistas, terra-a-terra, do se-

culo passado. Num campo muito mais restrito da intelligencia, demonstra a crença subsistente e imprecisa das feitiçarias.

O porvir oculta-se, tão misteriosamente, ao longe, e exerce um ascendente, tão poderoso, sobre o seu instinto de conservação — que a humanidade, debata-se em transes de dôr para a desvendar a evidencia. Ante a esfinge — uma luz tenue ergue na sua alma exultações ferrosissimas de esperança; uma sombra vaga move-a e prende-a num torno de pesadelo e terrôr panico.

Assim se explica a existencia dos adivinhos antigos e persistencia, sem irrisão, das bruxas dos nossos tempos.

Era tão possível, na antiguidade, a existencia da pitonissa de Endôr, oraculo de Delfos e a sibila de Cumas, como é ainda hoje perfeitamente explicavel a consulta frequente e insistente a Madame de Thèbes, Madame Brouillard ou a bruxa da Arruda. Agora e outr'ora, sempre, lateja no coração humano a ancia irreprimivel de resolver os misterios que enleiam confusamente a vida.

O homem sente-se tão mesquinho em face da natureza, que por vezes tem a noção mera da sua inabilidade e vae caminhando de sobresalto em sobresalto, tímido e hesitativo.

Olha em volta e o enigma do universo enreda-o de pavôr. Um grito de ave, o sibilar do vento, a scintila duma estrela cadente — tudo lhe parece, a subitas, motivo de apreensões.

Todavia, são tão complexas as forças que exercem influencias sobre a vida — que torna-se por absoluto impossivel determinar-lhe a orientação.

Por isso, toda a adivinha é uma burla e todo o profeta — um misticadôr. Ai de nós — toda a crença se resolve numa abdicção da intelligencia.

As nossas considerações tendem a corroborar a afirmação já formulada — as profecias sómente são admissiveis... no dia em que se realisam. Erraram os publicistas que tinham afirmado a sua crença num regimen de paz armada. Essa paz pútrida encerrava no seio o fermento azedo que havia de originar em breve a eclosão do acontecimento formidando.

Erram ainda aqueles que nos predizem já o advento duma era nova de paz e amôr.

Não queirâmos, por ora, dar-nos illusões que despertem mais tarde no coração doloridamente...

ANTONIO COBEIRA



UMA NOITE DE CASINO

Na velha matriz gótica badalaram a compasso melancólicas trindades. O crepusculo morria nos ultimos esbatidos rouxientos do poente. A pouco e pouco escurecia, e a lua vagarosa, amortecida de amarelejantes raios, arrastava pela concha anilada do firmamento o seu manto frouxo de luar em cenobitica soidão. As estrelas, a rebrilharem, fosfo-rejavam, no escuro poeiras luminosas de milhões de *vagalumes*.

No oceano, as águas zebradas de reflexos de prata, vinham aos gorgolejos

espreguiçar-se pelo saibro fulvo da riba em curvas caprichosas, deixando focos tenues de espuma branca a desfazer-se, como farrapinhos vaporosos de névoa, que o dealbar das madrugadas ergue dos ribeiros floridos das varzeas.

A intervalos a briza soprava lufadas quentes, que adensavam a calma daquela noite de agosto.

A praia despovoara-se e só ao longe, no corrego estreito e tortuoso, que leva a uns casebres miseraveis de colmo e madeira desmantelada, cujas entradas se escondiam por de traz de barcos velhos, — caminhavam em tardio passo os vultos negros e acurvados de quatro velhos *lobos do-mar*, carregando o petrexal da pesca.

... Os casinos abriam os *halls* para as *soirées* e egantes. Por toda a parte os espelhos reflectiam já os tons violacios dos arcos voltaicos, e a flambagem dourada do gaz, que descia a jorros dos candelabros de cristal e bronze com pingentes de prata, ia banhar as estatuetas florentinas, que ornavam as salas por entre os renques de plantas tropicaes.

Dançava-se, quando entrei... A musica, sensual; a dança era lubrica, excitante...

Revoadas estríduladas de gargalhadas alacres, como de passarada, rindo nas faias côr de aurora, iam pelos ares...

O ambiente trescalava perfumes embriantes de essencias raras.

Enrubescidas donzelas, trajando *toilettes* desmedidamente abertas nos decotes, que deixavam advinhar seios alvinientes, brancos como magnolias, a palpitarem desejos, confundiam-se num turbilhar voluptuoso e rapido de descontraídos movimentos.

Ao lado, salas forradas de vermelho com *stores* verdes, pendentes das janelas e iluminadas de tulipas electricas, regurgitavam de gente fina e de burgueses argentarios. Era o jôgo...

Numa voragem ébria de orgia o oiro rolava em caudaes sobre as mesas das *rolêtas*, num esquecimento completo do mundo exterior.

E, maquinalmente, eu recordava scenas torturantes de miseria, que tinha visto cá fóra, por essas betesgas, que o sol tem mêdo de penetrar, e onde a humidade mefítica e sezonatica, vai estiolando a vida dos pobres seres esgrouveados que as habitam, como frios sepulcros...

Quantas creanças, definhando de noite pelas portas... quantas lagrimas de dôr, burbulhando olhos febricitantes de mãe... quantos dramas pungentes de miseria e agonia a ulcerarem corações esgarçados pelos acúleos penetrantes do sofrimento!...

E o dinheiro dos ricos continuava retendo sobre as mesas, entrementes que as *rolêtas* giravam ás voltas...

Olhares esgaziados faiscavam nas caras desbotadas e intranquilas dos jogadores, que vestiam ás vezes instintos desesperados de fera enjaulada.

O ar sufocava. Aquele ambiente pezado e saturante torturava-me o espirito. Havia momentos em que se me figurava haver perdido o tino das coisas.

Aquilo, já me aborrecia... um *spleen* enervante se apoderou de mim. Sem-lhe resistir, deixei-me, então, cair num cochim proximo de seda asiatica e ai me amadorrei, alheado de tudo...

Mas breves momentos foram!

Duma sala contigua partira o som sinistro duma arma de fogo.

Um estouvado, que o azar deitara a perder, estalara o craneo com um tiro de *browning*...

O assombro e o terror invadem todos os salões; ha desmaios e gritos de afflicção, ao mesmo tempo, que curiosos chegam a indagar.

Só os jogadores continuam alheios de tudo...

Um creado do casino arromba a porta com os hombros...

Terrivel espetáculo! A meio da casa um lago vermelho de sangue saia aos borbotões dum corpo amachucado, empapando as tapeçarias.

O seu rosto desconjuntado tinha um *rictus* feroz e horripilante.

Sálpicos brancos de encéfalo poluiam os damascos veludineos das colgaduras e pingos de sangue re-aiam das sedas brancas dos estofos,

A um canto um espelho de cristal da Boémia, estilhaçado pela bala ria satanicamente daquele scenario macabro...

Fugi horrorizado,

— Que leve o diabo a dança... a roleta... tudo...

...Cá fora o ar refrescara; respirei a haustos

Por muito tempo segui ao acaso, vagabundeando-me o pensamento não sei por onde... Fui até a riba-mar. Ali puz-me a escutar o cavo rugir das ondas, que se atiravam de encontro ás escarpas remoinhando...

Parecia-me o bramir raivento de algum monstro, estorcendo-se em paroxismos.

Semi-absorto, nostalgico, relanciei os olhos pelos cambiantes *rembrandetscos* daquela noturna e aquatica paiazagem. Silenciosamente, contemplei a tempo sem conta...

E na minha mente começaram a delinear-se, então, os traços imprecisos duma visão indecifrável e vaga como as sombras impalpaveis duma noite de inverno. Os traços iam-se tornando cada vez mais nitidos, as formas desintegrando-se, as sombras avivando-se, as imagens sobresaindo a pouco e pouco, mostrando-se cada vez mais perfectas...

De branco, como um lirio, e airosa, como ave cantante em tarde de primavera cheia de rosas, comecei de perceber as linhas duma beldade, que eu já vira, que conhecia, que eu amara...

Soltei um grito de espanto.

— Que horror!

...Aquella dama, de alvo colo, cuja arfagem sentira palpar ha pouco junto do meu peito, na languidez morbida duma valsa e a quem eu tocara os loiros cabelos, que lhe ensombravam as faces levemente rosadas com um beijo rapido como uma aura, mas quente como o fogo, que me devorava, — ali estava agora, ela, na minha frente, a beijar numa furia maldita e diabolica o rosto mutilado e sangrento, horripilantemente conspurcado, do suicida do casino, que a apertava nos braços numa dança frenética e macabra.

...Aquella dama havia sido amante dele.

RUY DE NEIVA



O BAPTISMO DE CRISTO

Quadro notabilissimo, existente no museu de Bruges, atribuido a João van Eyck. Atrás de Cristo vê-se a ribeira de Liz com a flôr e planta do seu nome, dominada pelo velho castelo feudal de Leiria.

❖ ❖ ❖ ❖
SENHORA DO Ó

Do livro a aparecer:
A epopeia da planície



nossa casa tem um ar de igreja.
Ha tẽmporas de Esperança em toda ela.
Que vale esta morada que é singela,
p'ra que o favor de Deus assim a eleja?

Louvado seja, amen, louvado seja
Quem faz da nossa casa uma capela.
Ha tẽmporas de Esperança em toda ela,
— esta morada tem um ar de igreja.

E, ó virgem grávida, um sinal de graça
te envolve e te distingue sôbre o ventre,
onde o mistério a carne já repassa.

Festa da Expectação, florido altar...
Quando o Menino em nossa casa entre,
que não te falte o leite para o criar!

ANTONIO SARDINHA
(ANTONIO DE MONFORTE)

MUSICÁLIA

CHOPIN E A SAUDADE

Ao primoroso critico d'arte
Alfredo Pinto (Sacavem)

... «Tenho o persentimento, que digo um adeus eterno ao meu pai natal...»

Foi com estas palavras de mal contida amargura, que Frederico Chopin, num melancolico outomno, abandonou a sua terra, o seu lar e os companheiros da infancia.

O môço patriota quiz levar consigo uma taça de prata, cheia de terra da Polonia — dessa Polonia altiva e desgraçada, que dentro em pouco viu cuspidas as suas crenças pelos Bárbaros do Norte, e cahiu exausta numa lucta heroica, e foi vergastada pelo infame «Knout»...

Chopin, como na Edade-Media um Cavalleiro Andante, vae corrêr a Ventura. Tinha a alma enferma a trasbordar de «çal» — melancolia vaga e indifinida, mixto de prazêr e soffrimento e que encontra na dôr uma exaltada volúpia...

Trovadôr errante de castello em castello, o immortal pianista canta a Saudade sempre. Nos salões do grã-duque Constantino, da princesa Cztywertynska, da princesa Klavy, dos principes de Radziwill, dos barões de Rothschild, da duquesa de Vaudemont, na embaizada d'Austria, no palacio Marlioni, nas «villas» italianas, Chopin faz a delicia de todas as soirées e de todas as festas, sentado ao piano num recolhimento de cenobita, tocando paginas dulcissimas, irizadas e leves, como o voejar palpitante duma borboleta ephemera...

E' uma existencia que vae morrendo ao de leve — Chopin nascêra tísico — ao de leve, a cantar...

A sua musica leva impresso o mórbo da sua alma. Tem o sabôr das lagrimas ardentes, que na Polonia immortal choram velhos e môços, vergastados e expulsos...

E' uma plangencia dolorida, onde aqui e alem crescem trovões de revolta; e

exala toda ella, aristocrática e humilde ao mesmo tempo, assim como um perfume de sêdas e violêtas, de tapeçarias raras, de bouquets de flôres exóticas, de candelabros e de crystaes...

São assim as *Polâcas* e as *Mazúrkas*, os *Nocturnos* e os *Estudos*, as *Sonâtas* e os *Preludios*...

Chopin, um dia, amou ardentemente.

Na sua noiva querida era a *Saudade* ainda que elle adorava mais: a *Saudade* da sua terra distante e da sua infancia, longinqua...

Como testemunho dolorôso desse nevado infeliz resta nos um pobre maço de cartas — as cartas de Maria Wodzinski — «atado com um fitilho de sêda côr de roza, onde elle escreveu: *moia biêda* (a minha desgraça...)»

Durante muito tempo Chopin sentiu dentro de si um cruel abandono. Esmaga o todo o pêso cruciante do «çal» a Saudade —

Reduzido a um phantasma deixa-se levar por George Sand, com um fio de esperanza, até ao sol benéfico das Balears.

Volta mais doente e mais desilludido.

Umás temporadas agóra em Paris e no Castello de Nohant e, já fraquissimo as ultimas tournées pela Inglaterra...

Vem a agonia por fim, mas uma agonia serena, lenta, morosissima... Os seus amigos velam por elle, dia e noite, junto ao leito, num quarto airôso e principesco, onde ha em profusão lindos bouquets de violêtas. Elle quer morrêr aspirando o seu perfume dilecto,

A condessa Potocka, vinha de Nice, abre o piano deante do enfêrmo, e prêsa duma commoção indizivel, acompanha os seus derradeiros momentos cantando a *Beatrice di Tenda* de Bellini...

Quando o seu côrpo baixou á cova, lado a lado com a sepultura do maior amigo, mãos amorosas cobriram-no de terra natal — dessa terra bem amada, que elle trouxera consigo, como um penhór de immorreioira saudade...

MANUEL DA GRANJA.

Folhas soltas

Dramas intimos

Quando pelas ruas vi, esses centenas de soldados, em marcha afim de se embarcarem com destino a Angola, em cada um d'elles constatei no seu olhar uma profunda saudade dos seus que deixavam em Portugal. Cada soldado era uma imagem quasi que d'um lar desfeito, d'um rosario de lagrimas vertidas, por uns paes estremecidos, por uma irmã ou irmãs queridas, por um parente emfim, ou mesmo por um amigo dedicado.

Por essas provincias, em cada aldeia ou lugarejo, quantas raparigas não chorarão de saudades, quantos corações não se abrirão em prantos ao lembrarem se dos seus apaixonados!

Já os trigaes não possuem o encanto antigo, já a fonte não tem o atractivo de antigamente. Já no adro da igreja não se encontram os acostumados grupos de camaradas, já a sombra do castanheiro lá ao longe, á beira do rio, não acolhe as namoradas e toda a aldeia jaz sob uma penumbra de melancolia.

Farrapos de neve em gelidas noites de inverno, cobrem os campos e casaes e junto de uma lareira uma velhinha isolada, olha atenta para as brazas vermelhas. Não diz palavra.

Pelas rugas da cara corre de vez em quando uma lagrima, e dos seus labios tremulos sahem lhe palavras de uma oração sentida.

As mãos esqueleticas seguram ferverosamente um retrato, é o neto querido que partira na vespera.

Em cada prece, pede a Deus pelo neto, que lhe dê annos de vida para o poder ver de novo...

Não penetremos nos segredos d'estes dramas intimos, será profanar toda a pureza de um amor, tão cheio de respeito e candura.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)



CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

PELO MUNDO FÓRA

Mais outro combate se travou no Mar do Norte entre as duas esquadras rivais, ficando, ao que parece, victoriosa a do Reino Unido, cujas unidades escaparam, soffrendo apenas ligeiras avarias.

O combate durou tres horas. N'este entraram as seguintes unidades inglêsas:

Lion, Meteor, Tiger, Princess Royal, New Zeland, Indomitable, Arethusia e Laurel.

Da esquadra allemã destacava-se o couraçado *Blucher*, que se afundou, com numerosas perdas. Os inglêses tiveram cerca de vinte mortos e de cincoenta feridos.

A imprensa allemã sustenta que a esquadra inglêsa perdeu um crusador e dois *destroyers*, mas a, da Inglaterra nega formalmente essa affirmacão, garantindo que todos os navios voltaram a salvo aos portos inglêses.

A proposito d'este combate citam-se as palavras d'um correspondente de Londres, acerca das perdas navaes das duas grandes nações em lucta:

As cifras são impressionaveis, demonstrando que se desde 4 de Agosto a esquadra inglêsa, por factos de guerra, perdeu 102.614 toneladas, a esquadra allemã, no mesmo espaço de tempo, diminuiu em 142.645 toneladas.

Noutros termos, as perdas navaes allemãs são por certo superiores ás soffridas pela marinha inglêsa.

Se se entra no permenor d'essa estatistica, vê-se que, emquanto a marinha da Allemanha perdeu 23 navios de guerra de mais de 1.600 toneladas e de menos de 20.000, a da Inglaterra não perdeu mais do que 12 navios de uma tonelagem equivalente.

No que respeita ás pequenas unidades, os numeros não são menos eloquentes. Desde 4 de Agosto os allemães perderam 8 canhoneiras, 11 torpedeiros, 7

submarinos; e no mesmo espaço de tempo perderam os inglêses 2 canhoneiras e 2 submarinos, isto é, 4 navios inglêses e 26 allemães.

A guerra actual veiu mostrar a superioridade do submarino como unidade de combate, revolucionando por completo as theorias defendidas por muitos dos mais eminentes estrategos navais. Os factos demonstram a efficacia da nova arma de guerra que juntamente com os aeroplanos e os dirigiveis, está sendo manobrada pela Allemanha, embora a bellica nação teutonica não consiga destruir a comprovada superioridade de *John Bull*, senhor do tridente de Neptuno.

Pela acção dos submarinos allemães a armada britannica viu ir a pique, a 5 de Setembro o crusador *Pathfinder*, 17 dias depois seguiram identico destino tres crusadores couraçados o *Aboukir*, o *Cressy* e o *Hogne*. Em 15 de Outubro afundou-se o crusador *Hanke*, em 30, o crusador

Hermes, seguindo-se-lhe a canhoneira *Niger*, em 11 de Novembro, e, finalmente, em 1 de Janeiro, o couraçado *Formidable*.

Também a Alemanha teve serias perdas causadas pelos torpedos submarinos, figurando na sua lista o pequeno cruzador *Hela*, e um contra-torpedeiro, metido a pique pelo submarino inglês E 9. Do mesmo modo foi destruído no Báltico o cruzador russo *Pallada* e nos Dardanellos o couraçado turco *Messudich*. Affirma-se que o *dreadnought* austriaco *Viribus Unitis* foi seriamente avariado pelo torpedo de um submarino francês.

Por este ligeiro resumo das façanhas dos submarinos, pôde avaliar-se a alta importancia d'esse engenho de destruição, com que os allemães estavam admiravelmente armados. Ha quem sustente que não tardará o dia em que submarinos de mais de 600 toneladas e armados de canhões procurarão os mares, fazendo a guerra de cerco aos navios mercantes.

Por isso um jornal londrino acaba de estabelecer um premio de 500 libras ao primeiro navio mercante que consiga metter a pique um submarino allemão.

Os allemães, como já temos noticiado, trabalham com grande atinco na construcção d'esses engenhos machiavelicos, dedicando-se com equal enthusiasmo ao fabrico de *zeppelins* gigantescos. Do aerodromo de *Friedrikshafen* sahiram dez novos *zeppelins*, que teem mais 66 pés de comprimento que os ordinarios e dispõem de poderosos motores. Podem lançar 60 bombas de grande volume. Transportam numa plataforma um aeroplano e um hydroaeroplano com metralhadoras, e podem fazer um trajecto de 260 leguas e permanecer no ar, manejando contra o vento, 36 horas, e 48 com vento favoravel.

Diz-se em Zurich que esses *zeppelins* foram para a Belgica, a fim de serem utilizados num golpe de effeito.

Como se vê a guerra actual caracteriza-se por surpresas e traços que deso-

rientam os planos longamente estudados pelos grandes estrategos.

A guerra prolongar-se ha pois por muito tempo, de sorte que a Alemanha, quasi bloqueada, vê reduzirem-se-lhe as provisões, decretando medidas tendentes à redução de consumos de trigo e de outros productos alimentares.

Nos Estados Unidos o presidente *Wilson* declara que se deve esperar uma fal-

ta, transferindo a propriedade d'um navio que estava immobilizado, ameaçado de captura ou destruição.

Muitas vezes se tem falado na intervenção do Japão na guerra europela. A imprensa nipponica, especialmente o *Nitsi Nitsi* e *Dzi-Dzi* intende que esse projecto seria muito prejudicial ao Japão, onde o serviço militar é obrigatorio, não havendo no exercito mercenarios nem voluntarios.

O facto dese utilizar esse exercito para empresa que não interesse directamente ao Japão pode acarretar para o governo a censura de que faz mau uso das tropas.

Alem d'isso o exercito não pode afastar-se do territorio japonês. A China está numa agitação continua, podendo surgir dificuldades a todo o momento, e tornando se necessaria a intervenção do Japão. A vinda de forças japonesas á Europa poderia tra-

zer também serias consequencias para a Grã-Bretanha, caso se dessem motins na India, para onde o Japão tem que enviar tropas, conforme o tratado de alliança com a Inglaterra.

Os beneficios materiaes que poderia obter o Japão com a sua cooperação na lucta europeia, são demasiadamente pequenas para que o levem a tão grandes sacrificios.

Como na *Dai-Nippon* tivesse circulado o boato de que o envio de forças á Europa era já negocio ducidido, *embora não se tivesse chegado ainda a um accordo no que respeitava ao preço*, o officioso *Khotsi* declarou formalmente que o exercito japonês não é de aluguer e que, por consequente, não está á disposição d'este ou d'aquelle paiz mediante um preço mais ou menos elevado.

Estas ideias são combatidas pelos partidarios da intervenção japonesa e especialmente pelo doutor *Arita* que sustenta no *Gaiko-Dzikho* que, depois de haver declarado a guerra á Alemanha no Extremo Oriente, o Japão deve estar interessado em que aquelle imperio fique aniquilado no Occidente. De contrario será nullo o beneficio da victoria de



DERRUIÇÃO POR MEIO DE MINAS DUMA TRINCHEIRA ALEMÃ E OCUPAÇÃO IMEDIATA — PELOS ZUAVOS FRANCEZES

ta de viveres em todo o mundo, accrescentando que os americanos devem intensificar a producção do solo, semeando mais terrenos.

Tem sido largamente discutida a compra de navios allemães pelos Estados Unidos, cujo projecto está pendente do Parlamento norte-americano. Os partidarios da compra d'esses navios — refugiados nos portos «Yankees» — garantiu que não se trata da menor intenção de hostilidade, mas unicamente de abrir novos horizontes para o commercio americano permittindo aos Estados Unidos o entrar na posse d'uma marinha mercante que não poderia possuir dentro de muitos annos se tivesse de os construir. No Senado a opposição considera tal acquisição contraria aos deveres da neutralidade, sustentando a doutrina da *declaração de Londres* de que a acquisição por uma potencia neutral d'um navio pertencente a um dos belligerantes é considerada como geralmente contraria ás regras da neutralidade, em consequencia dos resultados que pode originar; subtracção do navio vendido á captura pelo inimigo, vantagem para o belligerante a que pertence, porque obtem recursos em dinhei-



Expedição a Angola: — REVISTA AS TROPAS EXPEDICIONARIAS EM LUBANGO



Expedição a Angola: — PESSOAL DA AMBULANCIA DA CRUZ VERMELHA EM ANGOLA: Primeiro plano: sentados os srs. Drs. Lourenço Jose Serejo, Artur Macha to e Maximo Brou; segundo plano: em pé, os enfermeiros srs. Gustavo dos Santos, Ernesto da Fonseca, Jorge Parreira e Antonio Gomes.

Kiao-Tcheu. Agora não é ao theatro russo-alemão da guerra que devem acudir as tropas japonesas visto que não é d'ali que o Japão tem interesses alem de que tambem se não torna necessario o reforço naquelles logares

O importante para o Japão é encarregar-se da defesa do Canal de Suez e manter a tranquillidade na India.

Um dos objectivos dos turcos é, como já se disse, a invasão do Egypto, fazendo-se a penetração pelo Canal de Suez, que seria obstruido de modo a não deixar passar os navios ingleses do Mediterraneo para o Mar Vermelho e d'este para o Oceano Indico. As tropas comandas por *Enver Pacliá* e *Liman von Samders* tem de transpor desertos infinitos, onde a marcha da artilharia é quasi impossivel. No entanto já se feriram sangrentos combates com as tropas inglesas, que defendiam o Canal.

O inimigo atacou *Toussum* e *Sarapeum*, que abandonou com grandes perdas. Em *El-Kantara* tambem se deram violentos combates entre turcos e tropas britannicas, indias e egypcias e australianas.

A Inglaterra

tem ali 180.000 homens de primeira linha e 100.000 de segundalinha. O Canal esta defendido por uma tripla linha de fortificações, deante das quaes o terreno está minado, havendo tambem espeças redes de arame em que circulam correntes electricas de alta tensão, que se oppõem ao assalto do inimigo.

A defesa do canal constitue para a Inglaterra um ponto delicado e de alta importancia para o seu prestígio.

O transito de navios mercantes aavez do referido canal está sujeito actualmente a um sem numero de precauções, tanto nos dois extremos d'esta via, isto é, em *Port-Said* e em *Suez*, como na

sua posição central ou seja em *Ismailia*, navios de guerra ingleses vigiam constantemente e estão dispostos a cooperar com a sua artilharia na acção das formidaveis defesas da ribeira oriental.

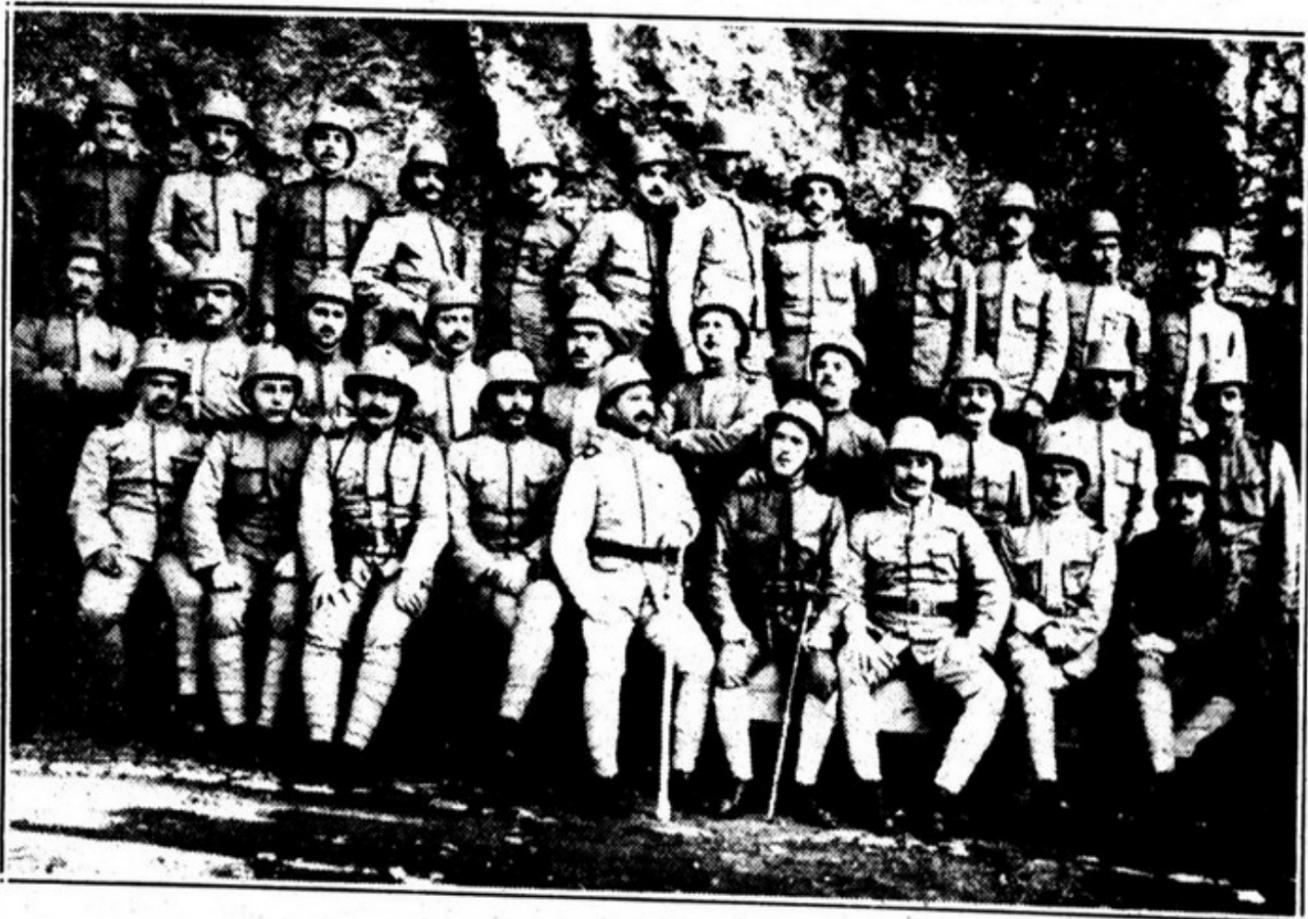
As ultimas noticias dizem que a Inglaterra acaba de augmentar a sua esquadra com mais trez cruzadores, tendo se completado o *Queen Elisabeth*, de 27.000 toneladas, que fica sendo o maior navio da sua esquadra.

Como a Inglaterra tivesse ordenado aos seus navios mercantes que içassem a bandeira de nações neutraes, para fugirem aos submarinos allemães, o governo de Berlim deliberou considerar

zonas de guerra as aguas da Gran Bretanha e Irlanda, comprehendendo o canal inglês.

Depois de 18 do corrente todos os navios mercantes inimigos serão destruidos sem consideração, nem pelas equipagens nem pelos passageiros.

Estas medidas provocaram enthusiasmo na Austria, que por seu lado está tratando de organizar nova investida contra a Servia. A Hollanda, porém, está preocupada com a resolução do



Expedição a Angola: — SARGENTOS EXPEDICIONARIOS DE INFANTARIA 19

almirantado allemão. O ministro da guerra Millerand conferenciou em Londres com Churchill. O resultado da entrevista foi de completo accordo entre as duas nações, que confiam no exercito e na marinha para a victoria final.

Os ministros das finanças da França, da Inglaterra e da Russia reuniram-se em Paris para examinarem as questões financeiras occasionadas pela guerra, resolvendo unir os seus recursos financeiros de igual modo e perseguir até a victoria final.

Nos campos da batalha de leste dão-se sangrentas batalhas, sobretudo entre o *Vistula* e o *Wartha*. Dois netos do conde Tolstoi foram condecorados por se terem assignalado em combate.

O rei da Belgica, cuja attitude tem provocado a admiração de todo o mundo, tem recebido innumerous presentes, como premio da sua nobilissima conducta.

Entre esses brindes destaca-se o do Japão, que, por iniciativa do proprietario do *Asapi*, importante jornal de *Tokio*, presenteou o rei Alberto com um *sabre de honra*, obra de arte, de alto valor. É uma arma antiga do mais delicado trabalho artistico, punho de ouro cinzelado, bainha tambem de ouro, sendo a lamina de um armeiro de 1577, o

grande artista *Nacagawa Schichiroyemon nujo Iukikano*.

Os allemães derrubaram a estatua de *Ferrer* em Bruxelas. Este facto provocou retumbantes protestos em *Barcelona*, onde os radicaes tem tentado organizar comícios de protesto, que o governo a custo tem impedido.

Emfim, a agitação augmenta assustadoramente por toda a parte. Ninguém pode prever quando chegará a ambicionada paz, a favor da qual o Summo Pontifice Bento XV ordenou que se fizessem em todo o mundo christão ardentes preces, as quaes se realizaram no dia 7. Em todos os templos de Lis-

boa e em muitos da provincia se cumpriram os desejos do Papa, havendo grande concorrencia de fieis. Que Deus nos accada.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA



Expedições a Angola

Ainda que a nossa situação em Angola não seja de desesperada, torna-se necessario prevenir todas as contingencias possiveis do momento.

Os pequenos desastres facilmente remediavos, que por ali nos succederam, foram-nos sem duvida lição e estímulo. Os governos da Republica assim compreendem. Por isso, empregam os esforços mais solícitos para satisfazer de pronto e immediata-

mente as requisições emanadas do nosso Commando Militar em Angola. No dia 3 do mês corrente partiram novos troços expedicionarios que vão reforçar aquella nossa possessão—vítima da intriga, tendenciosa e acintosa em tempo de paz, vítima da aggressão traiçoeira e solente em tempo de guerra, que os allemães souberam ali promover sempre.

Segundo os jornaes referem, o embarque das novas tropas expedicionarias realiso-se em meio dum entusiasmo indescriptivel.

A proporção que se aproximava a hora do embarque, o movimento das imediações dos pontos em que ele devia efectuar-se era cada vez maior e ás 11 horas e meia as tropas começaram saindo dos quartéis.

Do de Campolide marchou a 5.ª bateria de artilharia 8, de Abrantes, e a 6.ª bateria de artilharia 3, de Santarem, rompendo o povo que cercava os contingentes, em entusiasticas e pa-



Expedição a Angola: — ACAMPAMENTO DAS TROPAS EXPEDICIONARIAS, EM LUBANGO



Expedição a Angola: — SARGENTOS EXPEDICIONARIOS EM LUBANGO

Um artista novo



ESCUPTOR RAUL XAVIER

Uma série de bustos ultimamente aparecidos entre os quaes se destacam o de Azevedo Gueco recentemente inaugurado, um busto da mãe do artista que damos á publicidade, e os de Saavedra Machado e Henrique Pimenta, veem colgar em destaque a personalidade do seu auctor, o sr. Raul Xavier, um dos estudantes do maior valor da nossa Escola de Belas Artes, e discípulo do consagrado esculptor Costa Motta. Em todos os mencionados trabalhos o jovem artista afirma louváveis qualidades de observação e estudo sendo para notar a forma pessoal que procurou imprimir ás suas produções.

De resto, o sr. Raul Xavier, artista consciencioso e modesto que assim orienta os seus principios artisticos numa grande honestidade de trabalho, certamente serão coroados de effeito os seus esforços no proximo e belo futuro que o espera.



BUSTO

trioticas manifestações aos nossos soldados, que se mostravam satisfeitos, á Republica e á Patria.

Pouco depois das 13 horas, os soldados que estacionavam no Cais da Fundação começaram a entrar, aclamados pela multidão, no «Ambaca».

Pouco depois chegavam ao Cais da Fundação o segundo e o quinto grupo de metralhadoras, repetindo-se as mesmas manifestações patrióticas. Durante algum tempo se conservaram formados no Cais entrando depois para bordo do paquete.

Enquanto á 11.ª do regimento de infantaria 20, chegou ao Cais da Fundação com pouca differença das duas secções de metralhadoras.

Ao Arsenal da Marinha, proximo das 13 horas chegou o 3.º batalhão de infantaria 19, que veio do Quartel da Cova da Moura, tendo sido durante o trajeto alvo de calorosas manifestações. Acompanhava-o a banda de infantaria 2.

O embarque no «Portugal» foi feito vagarosamente e dirigido pelo comandante de bandeira, Capitão-tenente sr. Bacelar.

Erguem-se varios vivas á Republica e ao exercito e a «Portugal», que navegando oblicuamente, tomou a margem direita e foi pairar defronte do Posto de Desinfecção, onde já se encontravam o «Ambaca» e o «Britannia», onde tinham embarcado varios officiaes, parte do esquadrão de cavalaria 4.

As manifestações da despedida repetem-se e os soldados suspensos nas escadas dos mastros e estendidos pela coberta acenam os lenços, cumprimentos que são correspondidos de terra.



Remeniscencias

Não sei se a influencia do meio, senão a dos annos, não me dando alentos para confiado e sereno prescrutar as nebulosidades do futuro, me obrigam a alongar a vista pelo passado; se é o poder da tradição que a elle me prende, e me faz que o rememore. Para mim o sentimento amor de patria é um producto natural da tradição, que de evo em evo, de geração em geração se transmite se avigora, e constitue um capital de energia e dedicação, e cimenta uma religião de entusiasmo e de fé, que sem ellas não há instituição nem patria que resista e não venha a precipitar se do cairal de um abismo em plena descabro, e na mais objecta ruina.

É por isso que, impellido por esse sentimento quasi religioso, me volto a olhar com enternecimento para aquelle ninho, onde me acontecem ver a primeira vez a luz do sol, a cujo calor me aqueci desde a infancia aos já tão longiquos ardores da primavera.

Hoje que tanto se fala de turismo, que uma patriótica sociedade de propaganda de Portugal tanto se preocupa em tornar conhecido acessivel e apreciado nosso paiz não serão descabidas umas taes ou quaes notas appropriadas, que estas minhas reminiscencias possam conter.

Estamos em plena Beira Baixa servida pelos caminhos de ferro que ligam Lisboa com a Guarda, e a da Figueira da Foz a Villar Formoso: encontram-se estes dois caminhos na es-

tação da Guarda, a velha Egítania cuja Sé atesta a antiguidade do culto christão n'este ponto da península, de modo que passa em proverbio dizer-se tão ou mais velho de que a Sé da Guarda.

Serve este ultimo caminho pelas estações de Celorico da Beira e de Vila Franca das Naves o meu velho Trancoso, acessivel tambem para o norte pela estrada de 1.ª classe que deriva d'ali para Lamego; e para leste pela que dirige para terras de Ribaleão.

Assenta esta velha, e agora modernizada povoação em uma vasta planura a que serve de coroa e remate, apoiado em parte em uma rocha de granito pujante e resistente, um altaneiro castelo formado por uma cerca de muralhas com ameias, ladeada de torres, que fazem cortal-a de todas á mais elevada, a torre de menagem.

Em volta d'este castelo desde o poente pelo sul até ao nascente se derrama o povoado, que até ao meio do seculo passado, se encontrava dentro do cerco de muralhas, que por assim dizer até então continuára em completa conservação. Depois veio o dia em que procurou respirar mais livremente: e, novo Spartaco, arrombou as prizões, e ei-lo agora a refastelar-se na campina. Envergonhou-se quem sabe? da miseria em que se achava. Os castelos, com que talvez em tempos remotos, confraternizara, achavam-se deruidos ou diminuidos e desmantelados, em Linhares, Celorico da Beira, Guarda, Castelo Rodrigo e Longroiva, á semelhança de outros muitos fronteiros, que o voiver dos tempos e transformações politicas e economicas tornaram desnecessarios.

Trancoso braceja agora alerge em uma viçosa e extensa campina, opulenta de arvoredo em que se erguem e frondejam vigorosos os dois mais gigantes os exemplares das respectivas especies que em minha vida hei visto, o grande freixo do chafariz (chafariz que já não existe) e o castanheiro da fonte. Os horizontes são vastos e desafogados devido á situação topografica da povoação, e, se do castelo a paisagem é vasta a perder de vista, do alto da torre de menagem prende por horas esquecidas.

Em Trancoso tem pouca para registrar actualmente a archeologia, afóra umas quatro ou cinco sepulturas abertas e profundadas em aflorações graniticas ao nivel do solonatural attribuidos a gente celta, alguma rara inscrição romana e uns vestigios de estilo neogotico na Igreja do Nossa Senhora da Fresta e Ermida de Santa Luzia. As contrações religiosas das igrejas de Santa Maria e S. Pedro e Misericordia não podem ter sido anteriores ao seculo XVIII, senão intiramente da plenitude d'esse mesmo seculo, a unica que tinha em si o atestado da antiguidade e procedencia em toda a sua simplicidade da arte cristã em tempos primitivos, a igreja de S. João, caiu derruida pelo camartelo do progresso para deixar escancarado um dos tres largos interiores da vila, sem regularidade e sem a menor das condições esteticas; não pa-se porem sem referencia o edificio que lhe forma o lado do sul onde está instalado com regular e comodo hotel que não satisfaça embora as exigencias modernas, convida no entanto o forasteiro a não desertar de Trancoso sem ter pri-

meiro sentido e admirado suas belezas naturaes, que largamente compensam a falta das artificiaes, e idemnizar-se da fadiga que produz a trepada, desde a povoação de Freches ao chafariz do Vento, se porventura preferir o viajante para apear-se do caminho de ferro a estação das Olas, (Celorico da Beira) á de Vila Franca das Naves, por onde o trajeto é superiormente agradável.

Não cabe no quadro de umas singelas reminiscencias, escriptas ao correr da pena, investigar para resolver se Trancoso produziu um pintor notavel, porque até anos proximos, se não ainda agora, ali se conserva a Rua do Pintor, e ao pincel de um Bandorrista, um escriptor há, que lhe atribue a paternidade de uma notavel tela no altar mor da igreja de S. Pedro em Celorico da Beira, representando S. Pedro. Se existir, ontras a comparem na arte com o que nas letras, foi Fr. João de Lucena, nas armas e aventuras Alvaro Gonçalves Coutinho e em trovas propheticas o modesto sapateiro Bandarra, que as futuras gerações dos seus conterraneos ligam o apelido.

Se tambem não cabem aqui occorrencias de historia de passadas gerações não deve omitir um pequeno facto recente que com ella se prenda.

Procedia-se no interior da cerca do castello á uns trabalhos de nivelamento a fim de adaptar áquelle recinto a exercicios de moderno sport quando os operarios no desfazer de um muro encontraram um bloco de granito onde estava em escultura um escudo tomada em extensão e largura por uma cruz de Aviz encimando-o por timbre uma coroa real.

Proximo de Trancoso, á parte do sul, na esplanada de S. Marcos deu-se em julho de 1385 entre Portuguezes e Castelhanos uma batalha que principiando por um revez dos primeiros concluiu pela debandada e derrota dos ultimos que deixaram em abandono ao inimigo toda a preza que vinham fazendo tanto para quem da fronteira, em terras de Portugal.

Esta, uma das batalhas, que a historia regista, em que se affirmou e defendeu os direitos os do Mestre de Aviz á soberania destes reinos que então eram.

Seria aquelle achado um documento contemporaneo e comemorativo de glorioso feito, e depois por abjecto servilismo soterrado no decorrer do nefasto periodo dos sessenta annos?

SILVA MATXS



«San Miguel» e a guerra

Os ananazes em Lisboa

Pôde muito bem dizer-se que o fruto que actualmente mais abunda no mercado é o ananaz. Este facto produziu grande satisfação em Lisboa, onde outrora, o precioso fruto só ia á mesa do rico, ou, quando muito, á do chefe de repartição, em dia de Natal, ou em dia d'anos. E por isso Lisboa, sobretudo a Lisboa pobre (porque nas mes-

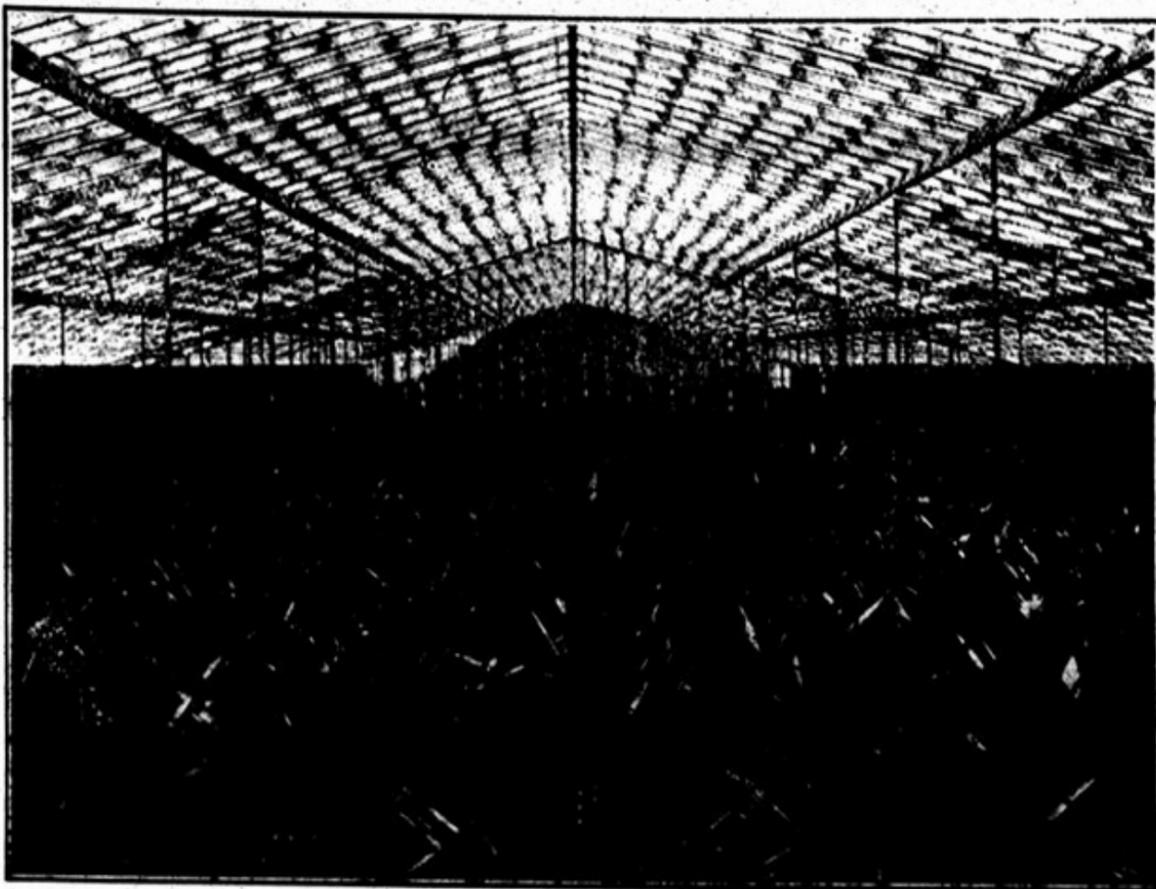
da fina sociedade o ananaz agora não é chic) ficou radiante com o inesperado acontecimento, ela que outrora parava á porta dessas casas de frutas, para admirar, de olhos cobiçosos, um lindo ananaz, cujo preço terrível a entrestecia tanto.

Mas agora, quem haverá que não tenha a sala de jantar rescendendo ao perfume desse magnífico fruto?!

O que é certo, no entanto, é que ele não tem em Lisboa o consumo que seria de esperar. Recebido a principio com entusiasmo, agora é olhado com relativa indiferença.

As senhoras Souzas, por exemplo, que nunca o tinham saboreado, porque o exiguo montepio mal lhes chega para as despesas da casa, foram as primeiras que, por ocasião da grande invasão do ananaz em Lisboa, adquiriram um soberbo fruto na mercearia da esquina. E, durante dois dias, aguardando o domingo, o sedutor ananaz constituiu o melhor ornamento da sua casa de jantar. Mas, depois,

que triste desilusão! As senhoras Souzas, chegado o domingo, partiram anciosas o apetecido fruto, mas não o souberam partir, comeram um bocadinho, mas não o souberam comer, porque nem toda a gente sabe partir e comer ananaz, entre olharam-se sorriram, receosas, e, por fim,



Ilha de S. Miguel — CULTURA DOS ANANAZES EM ESTUFA

(Cliché do Salão High-Life de M. J. de Mattos.)

exclamaram: «que desilusão! Parecia que devia ser melhor» E, porque era uma pena atirar com o resto para o caixão do lixo, mandaram-n'o de presente á costureira do quinto andar.

A' noite, em casa dos Castros, onde as senhoras Souzas costumam ir tomar chá, encontra-

ram todo o apoio dos donos da casa acerca da sua opinião sobre o ananaz. Mas o velho major que, a um canto da sala, lia o seu jornal, tirou vagarosamente a luneta, e, voltando-se para o grupo das senhoras interrompeu-as na sua discussão:

«Com que então, minhas senhoras, estão a falar acerca do ananaz, e, pelo que vejo, não lhe são muito afeiçoadas... Pois creiam que um jantar onde ha um bocadinho de ananaz com Porto ou Madeira, é o que se pôde chamar uma verdadeira delicia. Conhecem algum fruto que tenha aroma tão delicado ou um sabor tão agradável.

Chamam-lhe, e com razão, o rei dos frutos.

A Alemanha e a Inglaterra importavam-no em grande escala, antes da guerra actual, o que constituia uma exuberante fonte de riqueza para a ilha... Agora, porém, com a guerra, os cultivadores que estão sofrendo prejuizos consideraveis, viram-se na dura necessidade de desviar a exportação para outros mercados

cujos resultados porêm muito tem deixado a desejar. Calcule-se, pois, a crise que a ilha irá atravessando, enquanto estiver paralisada a sua maior fonte de riqueza.»

As senhoras escutavam o major. Mas, a D. Maria, que todos os dias lê o «Seculo», querendo



Ilha de S. Miguel — RIBEIRA DE AGUA-FERREA NAS FURNAS

(Cliché do Salão High-Life de M. J. de Mattos)

mostrar-se conhecedora do assunto, exclamou: «Ai! tem sido um grande transtorno, não ha duvida. As bordadoras então diz-se que estão sofrendo gravissimos prejuizos.»

— Perdão, minha senhora, observou o major, sorrindo. A sr.^a D. Maria refere-se á ilha da Madeira que tambem está sendo muito prejudicada na industria dos bordados.

O ananaz, porém, não nos vem da Madeira, mas, sim, da ilha de San Miguel, a maior, a mais rica e a mais formosa do arquipélago dos Açores. Com effeito, aqui em Lisboa, ha cada confusão... Falando-se em ilha, julga-se logo que é a Madeira.

San Miguel é uma ilha muito importante. As suas belezas naturaes, os seus adoraveis jardins, constituem a admiração dos estrangeiros que frequentemente a visitam. Pelas descrições que tenho lido e que me tem feito ácerca de San Miguel, creiam que seria para mim um grande prazer se a pudesse visitar. As Furnas e as Sete Cidades, dizem-me que são os pontos mais lindos da ilha. Estrangeiros ha que, tendo viajado muito, tendo percorrido o que ha de mais belo por esse mundo fóra, afirmam que as Furnas e as Sete-Cidades encerram o que ha de mais surpreendente na Natureza».

As senhoras continuavam a ouvir o major, mas a D. Maria começava a achar a conversa muito prolongada, e, olhando para a Luizinha, indicou-lhe o piano com um leve movimento de cabeça, mas que no entanto não passou despercebido ao major. E a Luizinha já de pé, de costas voltadas para o piano, ia ferindo ao acaso algumas notas, anciosa tambem porque o papá se calasse. E elle receando tornar-se massador, começou a enrolar o seu cigarro. No entanto, ainda acrescentou: «Se eu, por exemplo estivesse agora em S. Miguel, não seria obrigado a fumar este péssimo tabaco, porque ali o tabaco, além de ser muitissimo melhor, é tambem muitissimo mais barato.»

No entanto, a Luizinha começava a tocar o Tango Argentino...

E o velho major, reclinando-se cómodamente na poltrona, começou, pensativo, a seguir com o olhar as espirais de fumo do seu modesto cigarro.

Lisboa, Fevereiro de 1915.

ESPINOLA DE MENDONÇA



ROMANCE

M Dellyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente)

O principe Milcza de pé couversava com o medico da casa, o qual vivia tambem no castello.

O medico não estava com um aspecto muito prasenteiro.

— E' a tal doença? disse a condessa.

O principe com uma voz secca respondeu:

— E'

— Meu Deus, meu Deus! murmurou a condessa juntando as mãos.

O olhar do principe cahiu sobre Myrto que estava immovel á porta do quarto.

— Karaly, está perguntando sempre por si; tem a coragem de não temer o contagio?

— Sim, principe, com o socorro de Deus, disse Myrto dando alguns passos para a frente.

Um gesto do medico fê-la parar:

— A menina Myrto sabe o grande perigo que vae correr? Esta doença deixa nos doentes signaes terriveis.

— Não faz mal, disse ella, ninguém precisa de mim na terra, sou sosinha, sou *christã*, devo socorrer o proximo.

Todos olharam para Myrto com aspecto de admiração, a condessa ficou como subjugada!

O medico considerou este acto, como um facto digno de nota!

Milcza envolveu Myrto com um olhar frio e pausadamente disse:

— A menina, tem toda a liberdade de fazer o que quizer. Bem sabe o perigo que tem, como bem disse ha pouco o sr. dr. Hedai, e demais nenhum dever tem a cumprir.

— Perdão, sr. principe, disse-lhe tranquillamente, tenho um grande dever para com essa creança que tanto gosta de mim e que me chama. Deus é grande, ficô sob a sua santa guarda.

Myrto encaminhou-se para a porta, quando o principe segurando-lhe o braço disse!

Pense, pense, Myrto, o que vae fazer...

Ella levantou os olhos e viu o principe muito palido.

— Quando digo uma coisa, penso-a primeiro; se eu fosse livre iria tratar dessas familias desgraçadas, quanto mais para esta pobre creança que é tão minha amiga.

Resolutamente abriu a porta do quarto. Karali estava na cama. Tinha a cara cheia de manchas róxas respirando a custo... Myrto viu com surpresa que a creança estava sósinha.

— Onde está Marsa?! disse a voz do principe atraz de Myrto, ha cinco minutos ainda estava aqui, quando fui fallar com o medico, porque rasão ella osou retirar-se?!

Milcza tocou a campainha enquanto que Myrto aproximava-se da cama, colocava a mão sobre a testa de Karoli. Com este contacto as palpebras abriram-se um pouco.

— Oh! minha bôa Myrto, vem-me curar, não é verdade?

— Assim o espero' se fôr bonsinho, para fazer tudo que o medico mandar,

— Sim, sim, mas não me deixa não?

— Está socegado, estarei aqui sempre.

Ella sentou-se junto á cama agarrando na mão do pequeno. O principe Mileza entrara no aposento proximo e Myrto ouviu a sua voz que tomou pouco a pouco intonações irritadas.

A porta abriu-se de repente e o principe entrou com aspecto carregado.

— Não posso encontrar essa mulher! fugiu com certeza com receio da doença. O que prova que foi ella a culpada, nem olhava para mim. Miseravel poude illudir a vigilancia e fallou com alguém lá de fora. Macri, acaba de me informar que sua mãe e um irmão estavam atacados. Já sei como Karaly poude apanhar o contagio.

Mileza apoz estas palavras aproximou se da cama e olhou demoradamente para o filho.

— Meu amor, nós te salvaremos, estarei sempre aqui...

— Papá, e Myrto?

— Sim, meu filho, ella estará junto de ti e o dr. Hedai irá empregar todos os remedios para te curar muito em breve.

Que tons acariciadores tomava agora esta voz, habitualmente tão imperativa e dura!

O medico entrou. Vinha indicar a Myrto diversas precauções hygienicas; depois examinou mais uma vez o pequeno. O medico não gostou da feição que a doença ia tomando, e o seu rosto bem o revelou.

— Poder-se-ha salva-lo? disse o principe apertando o braço do medico.

— Ha ainda uma esperança...

— Esperança... sómente? eu quero ouvir uma certeza...

— Não lh'a posso dar, disse o medico tristemente; farei todavia todo o possível. Acabo de telegraphar a um colega meu de Budapesth que estará aqui ja amanhã. Então poderei dizer se se salva ou...

Não acabou, mas o principe bem o comprehendeu. To la a noute Hedai ficou estendido sobre um sofá no salão contiguo, sempre prompto para a primeira chamada. Perto do doente o pae e Myrto, sósinhos, em silencio profundo.

Ao romper da manhã, viu-se bem a agonia da creança. Os esforços da sciencia não foram bastantes para a salvarem.

O padre Joaldy fôra chamado, e Myrto orava não só pelo pequeno doente, como pelo pae, pois revelava de momento a momento, a sua grande dôr.

A condessa Zolanyi, desejava mostrar que não tinha medo da doença, apareceu á porta.

(Continua)



Sports

Aviação

A aviação propriamente militar tem tomado na conflagração europea um papel importantissimo que nos mostra clarivamente, os progressos porque tem passado as maquinas voadoras, a mais bela maravilha do nosso tempo.

Os exercitos, aproveitando os diversos trabalhos scientificos para os transformar em armas destruidoras, apoderam-se, como era de esperar da aviação que, até aqui, desempenhava, apenas, um papel sportivo.

Os técnicos procuravam persistentemente aperfeiçoar-la de forma a poder com segurança dotar o publico com um novo meio de transporte.

Como a grande guerra chamou a si todas as aeronaves trataremos, por isso, hoje da aviação militar.

Antes da guerra europea longe se estava de pensar no auxilio prestimoso que a aviação prestaria em campanha.

Aos aeroplanos destinava-se-lhes, apenas o serviço de reconhecimentos e isso mesmo, sem uma grande confiança em virtude da dificuldade e riscos que teriam, no inverno em cortar os ares, em dias de chuva ou de vento. Os dirigiveis do tipo Parseval ou de Zeppelin estavam pelo grande alvo que ofereciam muito expostos ao fogo das espingardas e á metralha de canhões especiaes. A sua intervenção dizia-se de pequena importancia. Tal porém não succedeu. Todos os dias, telegramas nos dão a conhecer acções importantissimas e raids audaciosos dos aviões que constituem, já, a chamada quinta arma. Os seus serviços são indispensaveis aos exercitos e a sua missão é complexa. A artilharia, principalmente a de grande alcance, pede á aviação que procure o objetivo a bater e determine exactamente o ponto em que se encontra, sendo, portanto, um auxiliar poderoso para regular o seu tiro. Pelos aviões os estados maiores dos exercitos se informam da marcha do inimigo, da composição e efetivo das suas colunas. Se fôr preciso retardar o avanço das tropas inimigas, elles lançam sobre ellas teixes de flechas ou bombas explosivas que provocam um enorme panico. Bombardeiam regiões fortificadas, pontos de concentração de tropas, gares de caminho de ferro, pontes e outros locais importantes sob o ponto de vista militar. Fêm *raids* audaciosos de algumas centenas de quilometros quer sobre os mares, quer sobre os continentes, os aviões procuram nos abrigos navais as esquadras que bombardeiam, ou ainda cidades de reconhecida importancia estrategica onde lançam o incendio, o pavor e a desordem. Eis por uma forma sucinta os serviços que os aviões tem desempenhado quotidianamente na guerra actual o que nos demonstra exuberantemente os progressos da aviação militar.

J. MOREIRA SALES

Necrologia

José Verissimo d'Almeida

Professor decano
e Director do Instituto Superior de Agronomia
1854-1915. — 20 DE JANEIRO

Traços da sua biografia scientifica

Memorias que ao discipulo se impõem, recordações que falam ao companheiro em tarefas de propaganda agronomica pela Imprensa, trazem-me empenhado n'este preito de saudade, por fixar o nome do professor emerito e ja palavra a morte emudeceu agora!

Na sua longa missão de meio seculo afirmou lucidamente, vincados pela experiencia, os seus meritos scientificos. Foi singular exemplo n'essa missão, dedicando-se ao aperfeiçoamento do Ensino agronomico e, com singular esmero, á offusão dos conhecimentos com que se tece o progresso agricola.

São essas memorias e recordações como que o eserinio em que perduram as illusões da mocidade, e se mantem o calor das convicções que o egoismo não arrefeceu!

De uma alta envergadura moral, este seu perfil realçava-o a intemerata expressão de modestia que cativava sympathias e o apontava como conselheiro que, não raro, logrou chamar á reflexão os animos irrequietos, com a sua palavra serena e persuasiva.

Vozes de justiça hão-de aquilatar-lhe a sua dedicação pela sciencia que professou; hão-de ver essa dedicação mantida sem quebra, antes maior, a cada novo percurso da existencia do professor reputado que soube ganhar o seu dia e hoje descança na paz do tumulo!

Quem tenha autoridade para apurar o significado dos seus trabalhos; para comentar os seus escritos, em grande parte dispersos por varias revistas scientificas e de propaganda agronomica, pelos jornaes que lhe solicitaram a colaboração, não deixará, consoante julgo, de frizar quando lucida e vernacula lhe corria a frase,

N'ela deixou vincada a sua propria psicologia. Desde que assim o noto, acudirei citando a — Advertencia da segunda edição do seu opusculo sobre o *Mildio da vinha*. E' resposta á critica, um tudo nada ironica, da carta, algo maliciosa que, a proposito d'este escrito, recebera de um *viticultorzinho* que se esquecera do seu proprio nome.

Na Advertencia traçou uma lição proveitosa, por mais d'um titulo, e n'um rasgo de prosa que recorda a pura dicção e alguns conceitos de A. Herenlano.

Cultivou a sciencia quimica, e, quando moço e professor, soube, por isso mesmo, colaborar muito eficazmente com o sabio academico Ferreira Lapa na «Analyse dos trigos portuguezes, e das terras em que foram produzidos»; e, posteriormente, na «Analyse das amostras dos vinhos portuguezes apresentadas na Exposição agricola nacional de 1884».

Foi um dos fundadores da «Revista d'esta Exposição» a qual mereceu os encomios da critica.

São muito interessantes, sob varios pontos de vista, as *Cronicas* com que a sua penna, movida pelo aticismo, emaltou as paginas d'esta publicação especial; e logo a par revela outra flexibilidade, traçando firme, em frase nitida, os artigos descriptivos, doutrinaes e economicos que n'ela inseriu.

Deu o seu nome, altamente conceituado, e a sua competencia superior para que—sob os melhores auspicios e na hora oportuna em que se concluiu aquella *Revista*—viesses a lume «*A Agricultura Contemporanea*», publicação cuja existencia encontrou n'aquelles predicados a razão

carreira no magisterio agronomico. Estes seus estudos e investigações assignaram-lhe um lugar distinto entre os mycologos.

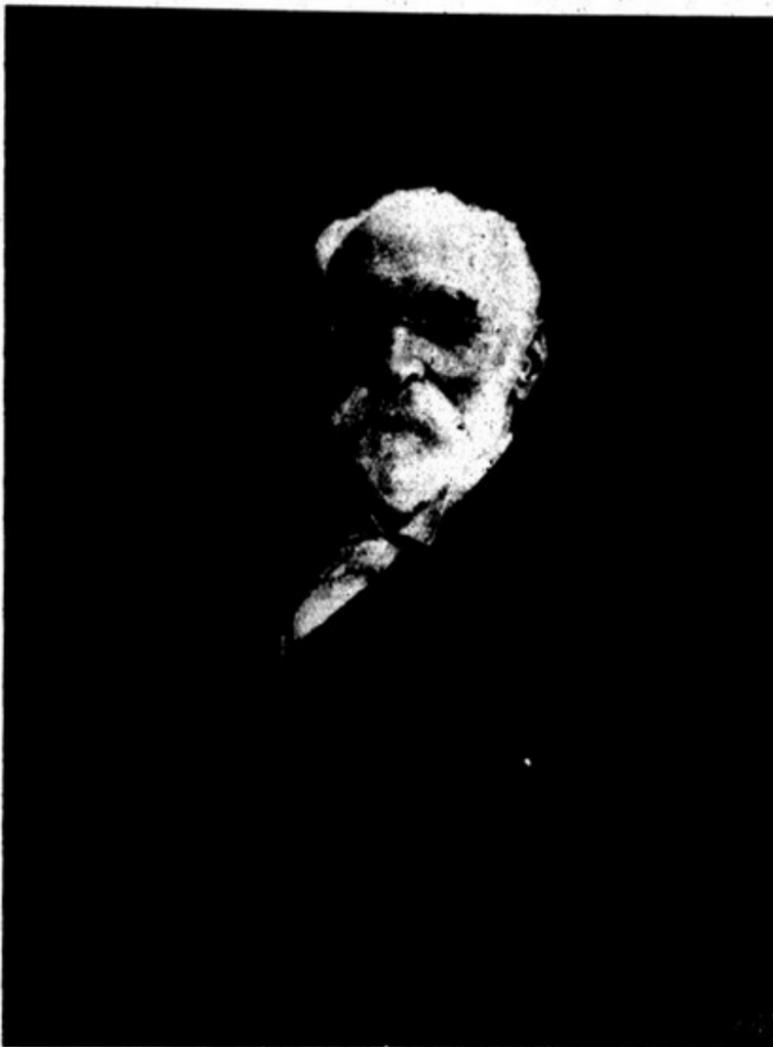
Duas publicações atestam a sua predileção pela mycoflora, cabendo acrescentar que d'est' arte visou tambem auxiliar com o seu conselho determinadas situações culturais de maior importancia no pais.

São essas publicações: *O Mildio e seu tratamento*, cuja segunda edição appareceu em 1894; e a «*Contribution à la Mycoflora du Portugal*», que veio a lume em 1903. D'esta, publicou *O Occidente* uma breve noticia no seu XXVI volume.

Das relações do falecido professor José Verissimo d'Almeida com os mycologos estrangeiros e nomeadamente com o eminente professor italiano Saccardo, porventura se encontrarão apartados documentos mais interessantes e que, envolvendo louvor para essas relações, serão maiormente significativos para o elenco comentado das invesgações scientificas acima apontadas.

Acode-me, por ultimo, ao pensamento, citar que o professor José Verissimo de Almeida, acompanhou a primeira tentativa para a criação da «*Sociedade das Sciencias Agronomicas de Portugal*». Se bem que essa tentativa se malograste, não esmoreceu n'ele a ideia d'essa criação, e assim o afirmou quando, algum tempo depois, se empenhou por que ella se realisasse. Vingou o proposito. Fundador, com outros agronomos e todos eles seus discipulos, da aludida Sociedade, tomou sobre si imediatamente o encargo de redator da *Revista agricola* cuja publicação veio desde logo exteriorizando a existencia d'aquelle agrupamento scientifico.

Não se consentindo figurar apenas como redator, quando o não fosse effectivamente, por isso a *Revista agricola* arquivou alguns artigos da sua penna, e d'ela é o primeiro e principal.



José Verissimo d'Almeida

Quadro de L. Lourenço da Silva

do seu exito, que se depara accusado em doze volumes, distribuidos por tres series.

Em 1887, versou n'uma conferencia publica de maior oportunidade, com aquella proficiencia de que ainda hoje dá noticia o artigo publicado no Tomo VIII d'*A Agricultura Contemporanea*, a questão da «*Cultura da betarraba saccharina em Portugal*», visando esclarecer o problema do grangeio nas suas relações com a economia de uma proposta apresentada pelo Governo á Camara dos srs. Deputados.

Variadissimos são os assuntos versados naquela *Revista* pelo professor José Verissimo de Almeida, dando-se, uns, como lição interessante ás praticas agricolas, e outros sendo a exposição critica das investigações e estudos de laboratorio no tocante ás doenças dos vegetaes uteis, aos meios de defeza contra ellas, e ao tratamento das epiphytias.

A phytopathologia foi para o emerito professor o quadro a que mais se prendeu a sua sciencia e em que bem se definiu a sua perseverança no decurso dos ultimos vinte e cinco anos da sua

Os breves traços aqui lançados da biografia scientifica do emerito director do Instituto Superior de Agronomia, são apenas escasso subsidio para o elogio academico que á sua memoria consagram as vozes do saber e da justiça dando relevo á missão cumprida, frizando o exemplo contido na inteireza do seu carater.

Não as ouve o tumulo que se encerrou; mas falam ás inteligencias cultas, escutam-n'as as corações bem formados, num aplauso que alimenta energias, num contentamento fecundo em progressos de alta modalidade na vida social.

O esquecimento não é para o nome d'aquelles que, em vida, impolutos e n'um indefesso trabalho, deram as luses da intelligencia e do saber ao progresso da sua Patria. — d'eles e nossa. —

F. JULIO BORGES

GRANDE MARCENARIA MODERNA

RUA DE S. LAZARO, 80

LISBOA

Executa toda a qualidade de mobiliario, desde os modelos communs e ligeiros, até aos mais luxuosos. Especialidade em obras de talha de todo o genero: tectos, lambris, arcos, portaes, etc., etc. Esta fabrica, dispõe de elementos para concorrer em preços com toda e qualquer outra, porque os seus machinismos representam a ultima palavra nos progressos d'esta industria, e reduzem muitissimo a mão de obra.

DEPOSITO

Elysio Santos & C. L.^{DA}

83, Rua Augusta, 93 -- LISBOA

TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

11 e 12 - Largo de S. Roque - 11 e 12

* * * * * LISBOA * * * * *

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. * *

Preparado Carlos Pimentel



que
por completo
tira a caspa
e
evita a queda do cabelo

Lotion

Marie Louise
(Registada)

Deposito Geral

RETROZARIA IRMÃOS DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

Especialista de doenças da boca e dentes
Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

DENTISTA DA COOPERATIVA MILITAR

Tratamentos especiaes para senhoras e creanças, dentes artificiaes etc.

Desinfeção meticolosa de todo o material operatorio

HONORARIOS MODICOS

Rua Garrett, 36. 1.º (frente para a R. Ivens)

Confeitaria do Calhariz

de ALFREDO SA & C.^{IA}

2, LARGO DO CALHARIZ, 3

Telephone: entral 1242

Secção de pastelaria - Licôres nacionaes e estrangeiros

- Vinhos finos e cognacs - Esmerado fabrico

em todos os artigos de confeitaria

= Lampreias e doces de todas as qualidades.

Especialidade em chá e café

Fornece lanches para casamentos, baptisados e solrêes

Dans Les "Fleurs,"

São os perfumes da moda

PEDIR EM TODA A PARTE

Capas especiaes em percalina castanha e letras a ouro para Encadernação do OCCIDENTE

Fornecem-se capas para todos os annos desta revista ao preço de 800 réis cada

Capa e encadernação 15200 réis
Pelo correio, franco de porte

Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1,500 réis



Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE - CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis

Estabelecimento de Ferragens DE Salvador Alves Barata

Rua da Boavista, 86 - LISBOA

(Em frente do Boqueirão do Gaz) Telephone n.º 3117

Tornos de bancada, folles para forjas, cavaletes, limas, bigornas para funileiro, martellos, tubos de cumbo, dito em chapa, em barra, zinco em chapa, arame de chumbo, latão, cobre, ferro zincado, estanho em barrinha, cadinhos americanos para fundição, serras circulares sem fim, etc., etc.

PREÇOS REUNIDOS



GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - Londres 1904

Xarope Pectoral James

Premiado com medalhas de ouro nas exposições: Lisbon 1898, Paris 1889, Belem 1893, Avoyr 1854, Londres 1904, Rio de Janeiro 1906, etc.

Merico contra todas as afecções dos orgãos respiratorios, taes como: tosse rebelde ou convulsiva, ataques asmaticos, bronquites agudas ou crónicas, Legalmente autorizado pelo Conselho de Hauda Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Hygiene dos E. U. do Brasil.

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Deposito Geral: FARMACIA FRANCO, FILHOS PEDRO FRANCO & C.^{IA}

Rua de Belem, 147 - LISBOA